

CRÓNICAS DA FLORESTA

HISTÓRIAS SOBRE ÁRVORES

TRADUÇÃO:
TOMMI INGALSUO

J.S. MERESMAA
TARJA SIPILÄINEN
NADJA SOKURA
MIA MYLLYMÄKI
KARI VÄLIMÄKI
M.A. TYRSKYLUOTO
TERESA MYLLYMÄKI
JUSSI KATAJALA
ANNE LEINONEN
ANNI KUU NUPPONEN



Editorial Divergência

Janeiro de 2026

FICHA TÉCNICA

Título Original: Metsän kronikka - Tarinoita Puista

Editado por: Anu Korpinen e Mia Myllymäki.

Copyright: © Anu Korpinen, J.S. Meresmaa, Tarja Sipiläinen, Nadja Sokura, Mia Myllymäki, Kari Välimäki, M.A. Tyrskyluoto, Teresa Myllymäki, Jussi Katajala, Anne Leinonen, Anni Kuu Nupponen, Osuuskumma 2019
Finlândia

Versão Portuguesa:

Título: Crónicas da Floresta - Histórias sobre Árvores

Autor@s: J.S. Meresmaa, Tarja Sipiläinen, Nadja Sokura, Mia Myllymäki, Kari Välimäki, M.A. Tyrskyluoto, Teresa Myllymäki, Jussi Katajala, Anne Leinonen, Anni Kuu Nupponen

Tradução: Tommi Ingalsuo

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: Helena Pereira

ISBN: 978-989-9331-28-0

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Mirkwood Chronicle

© 2019 J.S. Meresmaa, Tarja Sipiläinen, Nadja Sokura, Mia Myllymäki, Kari Välimäki, M.A. Tyrskyluoto, Teresa Myllymäki, Jussi Katajala, Anne Leinonen, Anni Kuu Nupponen

© 2026 Tommi Ingalsuo

©2026 Grupo Editorial Divergência

©2026 Helena Pereira

©2026 João Rodrigo Carvalho

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e a Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, transmitida, difundida ou armazenada em um sistema de recuperação de informação sob qualquer forma ou por qualquer meio, gráfico, eletrónico, digital ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação e registo, sem autorização prévia por escrito do editor.

Programa Europa Criativa - Projeto IndieSpec 2025-2027



**Cofinanciado pela
União Europeia**

CRÓNICAS
DA FLORESTA
HISTÓRIAS SOBRE ÁRVORES

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	9
J. S. MERESMAA CRÓNICA DE UMA FLORESTA.....	13
TARJA SIPILÄINEN RESSONÂNCIA	31
NADJA SOKURA A MENINA SAIU DAS RAÍZES DA ÁRVORE	53
MIA MYLLYMÄKI A MADEIRA MÁGICA DE KNUT	83
KARI VÄLMÄKI IMORTAL	107
M. A. TYRSKYLUOTO AQUELE QUE NÃO CANTA	123
TERESA MYLLYMÄKI VIAJANTES	137
JUSSI KATAJALA À SOMBRA DO GRANDE CARVALHO.....	163
ANNE LEINONEN A LUZ SOB A CÚPULA.....	187
ANNI KUU NUPPONEN CANÇÃO DA ÁRVORE.....	209
@S AUTOR@S.....	235

PREFÁCIO

Este livro nasceu de uma semente.

A semente caiu, há quatrocentos anos, num solo arenoso de uma floresta de pinheiros, ao longo dum caminho comercial que partia das margens do rio Karvianjoki e levava à cidade de Kristiinankaupunki, no Oeste da Finlândia. A semente tornou-se um pinheiro adolescente, que observava como os produtores de alcatrão transportavam os seus barris por um caminho de carroças. Durante os anos de grande mortalidade no século xvii, a árvore viu como os corpos de mendigos que tinham falecido de fome na província de Ostrobótnia eram levados por este caminho para as valas comuns em Pieksunkangas. No século xviii, o pinheiro presenciou uma das batalhas da Grande Ira, travada entre o general Armfelt do exército fino-sueco e os “cabeças de cão” russos. Esta batalha também deixou marcas na árvore, cujos buracos de balas, no seu tronco, ainda podiam ser vistos pelos viajantes cem anos depois. O nome atual da árvore, o “Pinheiro da Perda”, surgiu quando um pobre agricultor foi surpreendido por ladrões durante um passeio pela floresta. Ele foi roubado e enforcado neste pinheiro, que tinha galhos robustos e crescia junto à estrada. Assim se conta da árvore em livros e na tradição oral.

Esta árvore tem fascinado a minha imaginação desde a infância. Visito-a com frequência e reflito se tudo o que

ouvi é verdade (especialmente no que diz respeito ao general Armfelt). O pinheiro já viveu uma longa vida, e certamente testemunhou muitas histórias. Hoje o seu tronco é tão grosso que dificilmente duas pessoas conseguiriam abraçá-lo completamente unindo as mãos.

Quando olho para a paisagem onde a árvore se ergue atualmente, é difícil imaginar a história do lugar. Uma estrada arenosa atravessa a vegetação rasteira e, atrás de mim, destaca-se um anúncio dum autódromo. O ar é preenchido frequentemente pelo ruído dos motores e pelo som estrondoso das máquinas das áreas de produção de turfa. Agora, o pinheiro ergue-se sozinho, como o único monumento dos séculos passados. Os seus amigos ao redor foram derrubados há alguns anos. Fico a pensar se a árvore sente solidão. Uma pequena clareira começa a dar lugar a uma nova geração de árvores, mas levará tempo até uma raiz encontrar outra, até uma amizade crescer e alcançar a sua plenitude. Fecho os olhos e toco a árvore a desejar que ela me pudesse contar a sua história diretamente.

A semente da qual cresceu este pinheiro é um dos muitos milagres que tive a oportunidade de testemunhar no mundo das árvores. Na primavera de 2017, li o livro *A Vida Secreta das Árvores*, de Peter Wohlleben. Neste livro, ele relata tudo o que foi descoberto sobre as árvores por meio de estudos científicos. Wohlleben descreve como as árvores enviam mensagens químicas para outras árvores, além de fungos e insetos, como percebem o estado de saúde umas das outras e avisam plantas vizinhas sobre as pragas. No seu livro especula-se, por vezes de forma bastante ousada, sobre tudo o que acontece sob a casca da árvore e nas raízes: como as informações circulam, como as árvores vivem em contacto umas com as outras, como se comunicam e percebem o mundo, como sentem a dor e a satisfação. Desde que li o livro de Wohlleben, estou convencida de que as árvores são mais do que muitos de nós imaginamos.

J. S. MERESMAA

CRÓNICA DE UMA FLORESTA

FRAGMENTOS SOBRE LEMBRAR
E ESQUECER

No ano que segue o anterior e antecede o seguinte

Primeiro, crias uma raiz. No fundo da terra, no meio da escuridão.

Ela é o teu cordão umbilical para a vida.

Tudo começa na escuridão.

As raízes laterais começam a ramificar-se, veias claras, agora tão frágeis como fios de seda. Elas buscam os limites. Com o passar das décadas, tornam-se mais robustas, formam uma rede, forte como os ossos da baleia.

Para crescer grande, é preciso crescer em segredo.

A terra dá a força para romper a superfície, atravessar as camadas do solo que te separam do sol. O sol é tudo o que existe. É o foco do teu olhar. Nunca deixarás de persegui-lo. A tua ânsia de romper na luz está a pulsar como o mais lento dos batimentos. As tuas primeiras folhas, aquelas cuja casca castanha se rompe ao redor, desdobram-se verdejantes de esperança, entregam-se, inclinam-se numa mão de luz como se amassem o seu portador, e esfregam-se com os raios que fazem brotar a vida.

Tu vives. Em cada célula, tu vives. O teu olhar permanece fixo no sol.

Mas nunca esquecerás as tuas raízes. Nem o que te deu a origem. Nem aquilo que te conecta aos outros; o que é a outra face da tua natureza.

É da escuridão que tiras a força para enfrentar a luz.

No ano que segue o anterior e antecede o seguinte

MENTE-DE-ABETO: Era inverno. Um frio intenso. Os outros dormiam.

MENTE- DE-PINHEIRO: Exceto nós. Nós ficamos acordados mesmo quando os outros dormem.

MENTE- DE-ABETO: Nós registamos tudo. Não esquecemos nada.

MENTE-DE-PINHEIRO: Permanecemos aqui. Em nós estão todos os tempos.

MENTE-DE-ABETO: Os soldados cruzaram o rio pelo gelo. O frio transforma obstáculos em caminhos.

MENTE-DE-PINHEIRO: Tanta arrogância. Tanta destruição.

MENTE-DE-ABETO: A lua iluminava os mantos de neve. Os soldados eram brancos como a neve.

MENTE-DE-PINHEIRO: Mas alguns não eram.

MENTE-DE-ABETO: Não, não eram. Eles vinham da outra direção.

MENTE-DE-PINHEIRO: Pela margem do rio contra corrente, e pela margem do rio na direção da corrente. Queriam encurralar.

MENTE-DE-ABETO: Achavam que se enfrentariam apenas uns aos outros.

MENTE-DE-PINHEIRO: Mas quem enfrentaram fomos nós.

MENTE-DE-PINHEIRO: Não mais destruição. Não mais arrogância. Nem machados, armas ou granadas.

MENTE-DE-ABETO: Nada esquecemos.

Uma breve história sobre um companheiro de crescimento

No galho mais baixo do carvalho foi pendurado um baloiço. As cordas novas picam os dedos, e a tábua de madeira brilha com um tom claro. O menino escapa do colo da mãe e corre até ao baloiço. Ainda precisa de ajuda para subir para a tábua, mas daqui a um ano, as pernas já serão longas o suficiente para que ele o consiga sozinho.

O menino baloiça quase todos os dias durante o verão. As cordas deixam marcas de fricção no galho do carvalho, e no chão forma-se uma concavidade onde a erva não cresce. Porém, o menino cresce, e o carvalho também. O baloiço fica pequeno e é trocado por outro. É confortável sentar-se nele nos dias quentes de verão, à sombra das folhas. À noite, pode-se escutar o canto dos pássaros da floresta e navegar no telemóvel em paz, sem a presença opressiva dos pais. Às vezes, o menino escala o carvalho, mas é difícil encontrar um lugar entre os galhos tão confortável como o baloiço. No outono, os esquilos andam a recolher bolotas, escondem-nas por todo o quintal, e nunca encontram todas depois. Na primavera surgem novos brotos, mas o pai tritura-os com o corta-relvas.

Debaixo do carvalho, o menino recebe a mensagem da menina que aceita ser sua namorada.

Debaixo do carvalho, ele troca o seu primeiro beijo na penumbra da noite de verão.

Debaixo do carvalho, ele lê a notícia de que foi aceite no curso técnico que tanto desejava.

No ano em que o menino cumpre os seus cinquenta anos, ele olha para o carvalho, que domina o quintal, e decide derrubá-lo.

“Não serve para nada. Só ofusca o sol e dá lixo.”

No ano que segue o anterior e precede o seguinte

MENTE-DE-ABETO: Já estás à espera dos picoteiros?

MENTE-DE-TRAMAZEIRA: As bagas ainda estão um pouco verdes. Eles preferem quando a geada já mordeu as frutas, deixando-as mais saborosas.

MENTE-DE-ABETO: Mais saborosas? Só querem embriagar-se!

MENTE-DE-TRAMAZEIRA: Eu também acho divertido de observar. Tropeçam para todo o lado. Caem dos galhos.

MENTE-DE-ABETO: Saboreiam as que já fermentaram.

MENTE-DE-TRAMAZEIRA: Tu também tens um grande ano de pinhas. Os esquilos vêm em fila, um após o outro.

MENTE-DE-ABETO: Esses danados fazem cócegas quando correm pelo meu tronco.

MENTE-DE-TRAMAZEIRA: A propósito, eu vi o que fizeste.

MENTE-DE-ABETO: Ah, foi? E quando exatamente?

MENTE-DE-TRAMAZEIRA: Durante aquela tempestade. Abriste os galhos mais baixos para os coletores de bagas se abrigarem. Sempre achei que não te importasses com as pessoas.

MENTE-DE-ABETO: Mas era um grupo agradável. Não fizeram barulho nem deixaram lixo.

MENTE-DE-TRAMAZEIRA: É verdade que já há muito tempo que não nos respeitam. Antes era diferente.

MENTE-DE-ABETO: Pois é. Antes era diferente. Sabiam escutar.

MENTE-DE-TRAMAZEIRA: As pessoas esquecem, mas nós não.

MENTE-DE-ABETO: Lembram-se aqueles que ficam.

Veio o fogo

Sinto o cheiro de fumo muito antes de alcançar a borda do negro campo devastado, cheio de árvores derrubadas que foram despojadas até aos troncos. Os tocos dos galhos nus aparecem em cinzas. O fogo foi violento, disso não há dúvida. Começou como uma discreta queimada superficial na vegetação rasteira. Logo depois, atingiu o solo da floresta, ressecado após um verão quente, e transformou-se, rapidamente, num devastador incêndio na ramaria. Uma cicatriz negra sulca a floresta como o rio do submundo do Hades. Um vestígio de queimadura na paisagem que absorve o brilho do sol.

Ando até à base dum velho lariço, que permanece desafiador no centro da clareira devastada. Pressiono a minha mão contra a casca dura. Sinto o seu calor, como se ainda estivesse a queimar por dentro. O lariço é alto, muito mais alto do que as outras árvores restantes. No seu topo ainda há tufos de agulhas, cones nos galhos, um sinal de futuro.

Sussurro uma sugestão, e ele estremece. Após um longo momento, a árvore começa a falar. Ela viu tudo o que aconteceu. Fecho os olhos e ouço as suas palavras de medo. Medo e agonia. Uma ponta de cigarro deitada descuidadamente no chão. Um fumo denso como a neblina de agosto. O terror e os gritos dos animais. O choro da terra abafado pelo furioso incêndio que tudo devorava.

Deixo as memórias infiltrarem-se em mim, como a chuva que apaga o fogo. O lariço não mais precisa carregar essas lembranças sozinho. Eu compartilho-as e guardo-as dentro de mim.

No fim, agradeço. Deixo a minha mão cair do tronco. Fica ali uma marca da minha palma, e ao olhar para a minha mão, vejo-a manchada de fuligem.

O ser humano deixa marcas por toda a parte. Manchas em si mesmo e nos outros.

Antes, o ser humano pertencia à floresta.

Agora, a floresta pertence ao ser humano.

No ano que segue o anterior e precede o seguinte

O sangue ainda fumeja quente enquanto é absorvido pela neve. Se se prestar atenção em silêncio, é possível ouvir o chiado. *Sss, sss.* A neve está escura, tão escura. A lua não revela as cores.

Uma raposa caminha com patas leves, de sombra em sombra. O cheiro atrai-a, a neve dura sustenta-a. Os dentes agarram a manga do traje de neve e puxam. A coronha da espingarda escorrega da mão congelada. O cano crava-se fundo na neve com um estalo.

O momento
mais silencioso
é aquele
logo após
o disparo.

As árvores murmuram paz. Paz.

Agora

Na primavera, a floresta começa a exalar o seu cheiro.

Os aromas que o solo congelado segurou no seu punho irrompem da terra. Musgos e líquenes. Folhas em decomposição. Um solo fértil a descongelar e agulhas de pinheiro a secar. Galhos que estalam sob os pés.

O cronista para e pressiona a mão contra o tronco áspero dum pinheiro. O sol está a brilhar em baixo, mas, mesmo assim, já aqueceu a casca. Nas áreas sombreadas, sob arbustos, laços e feixes de feno carbonizados, a terra está a saborear os dedos dos pés com a sua boca fria. O cronista inspira profundamente. A floresta acordou e respira novamente. Ele fecha os olhos e concentra-se. O vento serpenteia pelas copas das árvores, ágil como um esquilo. O canto das aves espalha-se como um tapete multidimensional, um tecido apertado entre os troncos que se estende até onde a floresta vai.

E a floresta vai até bem longe. Ela estende-se infinitamente, desde o início dos tempos. O cronista sabe disso melhor do que ninguém. A floresta serpenteia entre os lagos e as montanhas, conectando épocas tanto acima como abaixo da terra. Ao tocar o tronco do pinheiro, o cronista toca o tronco do pinheiro que fica ao lado e o do seguinte também. Com o seu toque, ele envia uma mensagem ao sistema de raízes que se estende debaixo do solo, tão vasto como as copas que tentam alcançar os céus; um sistema conectado aos sistemas de raízes em redor — das árvores, das plantas, dos fungos.

A seiva murmura nas veias dos troncos, da mesma maneira que murmura no interior do cronista. Inebriam-se com a luz e sentem-se livres no calor que faz estalar as pinhas e correr os riachos.

O tempo flui como a água. A água flui como o tempo.
Está na hora!

TARJA SIPILÄINEN
RESSONÂNCIA

“Olha, vovó Alma! Aqui está um tellível elefante!” a menina exclamou, da porta. Iida deu um salto do umbral para a tábua que rangia e caminhou com passos pesados, com as botas da mãe, até à cozinha da vizinha, como se estivesse na sua própria casa. A menina soltou uma das mãos, que balançava sobre a orelha, e pegou no trompete que tinha enfiado no cós dos collants com padrão floral. “Este elefante tem este tlompete... não, que lo dizel, esta tlomba, com a qual ele buzina. Assim!” A menina soprou no trompete com as bochechas infladas e sorriu, revelando uma lacuna no alinhamento dos seus dentes superiores.

Alma pousou o tricô na mesa e pegou na menina ao colo.

“Será que o monstrinho quer um docinho? Hoje fui comprar os rebuçados de alcaçuz de que tanto gostas.”

O sorriso de Iida aumentou. Os vigorosos acenos de cabeça fizeram as tranças amarradas com fitas azuis balançarem como varetas de Carnaval.

“Será que estás sozinha em casa?” perguntou Alma.

Iida balançou a cabeça negativamente.

“O pai está a total batelia, a mãe está a entalhar uma álvole para fazel um castelo. Vim pala cá antes que a minha cabeça expluda”, suspirou a menina.

Alma mordeu o lábio inferior.

Era uma ótima notícia que a Maria tivesse tido um surto de criatividade. Já fazia tempo que não surgia nenhuma nova

xilogravura. As obras de Maria eram sempre um prazer de contemplar. E, especialmente, de tocar. Os minuciosos cenários gravados despertavam sensações nas pontas dos dedos e evocavam imagens vívidas que se fixavam na retina e continuavam a viver nos pensamentos por muito tempo.

Do outro lado da parede ecoava o som dos tambores. Pietu estava mais orgulhoso da sua bateria do que da sua habilidade para tocar. Graças a Pietu, Alma sabia exatamente o motivo de a bateria ser tão especial: ela fora fabricada à mão na Austrália, com madeira de ferro de fibra densa, cujas propriedades acústicas eram, segundo Pietu, altamente valorizadas nos círculos profissionais.

“Nestes tambores, o espírito da madeira foi mantido vivo”, dissera Pietu a Alma, com uma expressão séria, antes de acrescentar: “Escute com atenção, e a senhora perceberá como a história que estou a tocar ganha vida e encontra a sua voz de narrador.”

Embora Pietu não fosse um músico profissional, era preciso admitir que os ecos produzidos pelos tambores faziam o coração disparar e eriçar os pelos. O som parecia ora emergir das profundezas, como do fundo do oceano ou das entranhas de uma caverna com quilómetros de comprimento, ora soar do cume da montanha mais alta. Às vezes, o ritmo aquecia, quase queimava, fazendo as bochechas corarem; outras vezes, era como se o frio se infiltrasse, obrigando a puxar um casaco de lã. O ritmo vibrava de forma sedutora, rastejando debaixo da pele, invadindo os pensamentos. Despertava sentimentos tão intensos que, às vezes, era difícil descrevê-los, até mesmo para si mesma. Quando se parava para ouvir, era difícil desprender-se.

“Vamos levar a Ansa connosco e ver se o correio já chegou, o que achas?” sugeriu Alma. Ansa, deitada debaixo da mesa, miou em resposta.

“Sim, vamos! Mas mostla de novo aquela imagem”, pediu lida, a tentar formar um coração com os dedos.

“Ainda não te cansaste de vê-la?”, perguntou Alma, a rir.

“Não, não cansei! É tão fofo”, cantarolou a menina, já do outro lado da sala, a saltitar como um canguru em direção ao quarto. Ao chegar, parou com o pescoço inclinado, a admirar o cartaz emoldurado, a preto e branco.

“Aí está. Os famosos atores Tauno e Ansa. Essa imagem é do filme *A esposinha*. Foi feito muitos, muitos anos antes de os teus pais nascerem.”

“Vovó Alma, já existias na altula? O que é uma esposinha?”

“Eu tinha dez anos na época. Esposinha é o que a tua mãe é para o teu pai”, respondeu a Alma pela enésima vez.

“Ah, e aquele Tauno ela o teu plimo distante. Mas ele não parece tão distante assim — pala mim, parece estar muito presente e vivo na foto, observou Iida, ficando na ponta dos pés para ver melhor. A menina virou-se, livrou-se das botas pesadas e andou nas pontas dos pés até à porta. Parou ainda para passar o dedo ao longo do casco de uma caravela que repousava sobre o aparador. O quarto estava cheio de objetos que o falecido marido de Alma trouxera das suas viagens. Alma passava horas ali, apenas a observar e a ouvir as histórias que os objetos contavam. Eles traziam notícias de terras distantes, de além-mar. Com o passar dos anos, o poder das narrativas não tinha enfraquecido. Quando se ouvia com mente aberta os relatos contidos nos objetos feitos com esmero e habilidade, eles pegavam no ouvinte com força e levavam-no para o seu mundo. Sentada na sua cadeira de balanço, Alma mergulhava em aventuras onde as ondas balançavam o navio, os ventos troavam, os albatrozes pairavam sem mexer as asas, como enormes papagaios de papel, e o sal temperava os sentidos.

“Eu também gostava de sel malinheila, como foi o seu querido Johan. Ou uma pilata do mal! Mas vamos, vamos já.”

Alma recolheu as botas que Iida tinha largado e seguiu-a até à cozinha.

“Tu precisas de crescer mais alguns anos. O mar é um lugar perigoso onde uma criança de cinco anos não consegue desenrascar-se sozinha”, Alma argumentou com um sorriso. Abriu o armário em baixo da pia e apanhou um punhado de grilos secos dum pote de vidro que ali estava.

“Vamos alimentar o Elmeri enquanto isso, se conseguirmos encontrar a nossa cobra. Ela não aparece há vários dias”, disse Alma, e Iida saltitou de alegria.

“Glilos pala o Elmeli, pala ele não fugil! Pss, pss, Ansa, vem connosco. Não tenhas medo, o Elmeli não vai magoal-te. Vovó Alma, vamos deixar as botas no colledol. Plefilo andar descalça.”

Os degraus da velha casa bicentenária ficaram silenciosos sob os passos leves de Iida. Os movimentos de Alma, porém, produziam rangeres, ritmados pelo som seco da bengala a bater no chão. Alma passou a mão pela superfície áspera das tábuas da parede. Não havia calor ali. Apenas um ardor frio causava picadas nas pontas dos dedos. Alma estremeceu. Aquela sensação era como a calma opressiva que precede uma tempestade.

A mulher olhou ao redor, mas nada parecia fora do comum.

A catedral erguia-se ao lado da casa, no topo da colina, como guardiã da parte velha da cidade. As nuvens afastaram-se por um momento, e o sol deslumbrante de maio dourou a parede amarela da casa de madeira.

“Vovó Alma, já viste que apaleceu uma luga aqui?” reportou Iida a passar os dedos pelo corrimão, onde havia uma pequena fenda.

“Com certeza se degastou porque tu e eu já nos apoiamos nele tantas vezes”, respondeu Alma, ao piscar o olho à menina.

Iida subiu no banquinho construído especialmente para ela e começou a abrir as tampas das caixas de correio com tanto entusiasmo que quase perdeu o equilíbrio.

As caixas, pintadas no verão anterior, despertavam sorrisos entre vizinhos e transeuntes. Vermelho vivo, azul-claro, verde-relva e amarelo-sol, lado a lado, como um arco-íris. As cores foram escolhidas especialmente para Iida. Embora a pequena carteira entusiasmada não soubesse ler, ela distinguia as caixas pela cor e sabia de qual deveria retirar cada correspondência.

“E agola até à álvole, lápido!”, Iida continuou a dar ordens, depois de apanhar a fraca correspondência do prédio: quatro jornais de distribuição gratuita.

O grande carvalho, com o seu tronco cheio de nós e ramos sinuosos, cobria o quintal com a sua sombra, mesmo com as folhas ainda a crescer. A folhagem de um verde frágil transbordava a alegria do crescimento. As ranhuras do tronco lembravam as curvas de nível num mapa topográfico.

Alma e Iida circularam a árvore e, com os pés, levantaram as folhas achatadas pelo inverno. Elmeri não apareceu, mas Iida recolheu alguns galhos ao pé da cerca divisória e organizou-os em forma de grade na base do carvalho, conforme Alma a ensinara. Com gestos cerimoniais, Alma colocou os grilos no altar. Iida pressionou a cabeça contra o tronco da árvore, esticou os braços formando um abraço e sussurrou algo com a boca encostada na madeira, antes de sair a correr pelo portão até ao beco que ficava do outro lado da cerca. Alma ouviu as dobradiças da porta da frente a ranger e depois a porta a fechar, batendo.

Alma ficou ali, a escutar a primavera. A cidade velha despertava para um verão iminente, cujas promessas já podiam ser sentidas nos sons e aromas ao redor. Uma andorinha gorjeava nos galhos mais altos do carvalho. Ainda não havia multidões de turistas nos becos estreitos de paralelepípedos, nem o burburinho de diferentes línguas abafava o concerto dos passarinhos ocupados em construir os seus ninhos.

A casa de madeira com quatro apartamentos repousava na encosta como se ali se tivesse enraizado. As molduras das janelas, pintadas no verão anterior, ainda exibiam um branco impecável. Nalguns pontos, os veios da madeira eram visíveis debaixo de várias camadas de tinta. O seu padrão ondulante criava uma impressão de movimento. Era como se a casa respirasse. Era possível imaginar que a vida ainda pulsava ali, com a seiva fluindo nas células das tábuas.

Por detrás da cerca alta de madeira, ecoaram os sons familiares de passos. Alma suspirou. A vida de Zaida parecia não se estabilizar. A rapariga, sempre vestida de preto, era como uma sombra. Muitas vezes parecia até mesmo unidimensional, como se fosse um desenho esboçado em carvão sobre um papel branco. “É gótica”, costumavam descrevê-la Pietu e Maria.

Alma já tentara várias vezes iniciar uma conversa com Zaida, mas as respostas da rapariga sempre se limitavam a poucas palavras. Apenas em duas ocasiões, Alma conseguiu surpreender a jovem o suficiente para que ela não se atrevesse a sair de imediato por cortesia. Mesmo então, o olhar de Zaida vagueava, como se procurasse uma rota de fuga. Embora Zaida vivesse naquela casa havia dois anos, até um cego conseguiria sentir a barreira que ela mantinha entre si e as outras pessoas, incluindo os moradores da casa. Ela nunca falava sobre o que fazia, e ninguém sabia nada sobre o seu passado. Eevi e Zaida tinham quase a mesma idade, mas raramente trocavam mais do que cumprimentos breves. No entanto, às vezes, Alma conseguia ver Iida e Zaida fazerem algo juntas. Pelo som das risadas de Iida, pareciam divertir-se. Recentemente, Iida até tinha contado que Zaida tinha trabalhado como *babysitter* numa ocasião em que os seus pais precisaram sair. Talvez houvesse esperança de tempos melhores.

Alma enxugou o canto dos olhos. A vida, às vezes, dava limões em vez de peras. Mas cabia a cada um decidir como aproveitar a colheita.

RUA DA COLINA DA PONTE, 1D

Zaida subiu as escadas para o andar de cima, galgando dois degraus de cada vez. Em dois anos, aprendera que era melhor não ficar a deambular pelo quintal ou pela escadaria se quisesse evitar o contacto com os vizinhos. Não que ela tivesse algo contra eles, mas qualquer tipo de conexão com alguém nas redondezas simplesmente não lhe interessava.

Lançou as botas militares para debaixo do cabide. O almoço na escola técnica tinha ficado de lado, por isso deu uma olhadela rápida no frigorífico antes de decidir contentar-se com os restos da salada do dia anterior. Embora, na verdade, não quisesse comer. O que ela queria era morrer.

Durante a semana, os dias enchiam-se de estudos. À noite e aos fins de semana, geralmente ficava deitada na cama a olhar para o teto. Só mantinha contacto esporádico com algumas amigas, principalmente por mensagens no WhatsApp. A relação com os pais adotivos nunca tinha sido particularmente calorosa, e ela não os via desde que completara dezoito anos e saíra de casa. Sobre os seus pais biológicos, Zaida não sabia absolutamente nada.

O apartamento de quarenta metros quadrados parecia encolher cada vez mais. As paredes a desabar sobre ela, o teto a desmoronar-se milímetro a milímetro. Cada vez mais, ela via-se a questionar a sua própria saúde mental, convencida de que as paredes queriam isolá-la. Encapsulá-la. Desmembrá-la e empilhá-la em algum canto do sótão, onde ninguém jamais a encontraria.

Dia após dia, noite após noite, ela afundava cada vez mais num buraco sem o menor vislumbre de luz. Não tinha ferramentas para abrir caminho de volta à claridade.

A solidão era a sua melhor e única amiga.

Frequentemente, Zaida acordava a meio da noite com cheiros e sons tão vívidos que demorava muito a perceber

“Eu vou subir ao telhado!” declarou Eevi e começou a subir a escada com segurança, a passar o balde à sua frente de degrau em degrau. Zaida seguiu o seu exemplo. Pietu e Maria correram para abastecer a cadeia com mais água, enquanto Alma tentava acalmar Lida, que se aconchegava no seu colo.

Depois de uns vinte baldes de água, a passarela de madeira que corria ao longo do topo do telhado já não soltava fumo. Eevi sentou-se na caleira.

“Acho que já chega por agora” suspirou, a limpar a testa com a mão que deixou um rasto preto de fuligem. “Isso é só vapor, já não está a queimar.”

Mal havia terminado de falar quando um monte de faíscas surgiu do nada e pousou no parapeito da janela do quarto de Zaida. Os aros absorveram as faíscas nos seus poros. Num instante, apareceu um fio de fumo e, em seguida, irrompeu uma chama.

“Mais água!” gritou Zaida e começou a descer do telhado em direção à sua janela, que estava a poucos metros de distância. Pietu já subira até ao andar superior com um balde cheio e estendeu-o para Zaida, que, após algumas tentativas desajeitadas, conseguiu segurar a asa. A apoiar-se com uma mão e um pé, Zaida esticou-se o máximo que pôde e despejou a água sobre o aro da janela. A janela encharcada brilhava como um espelho preto. Através dos filetes de água que escorriam pelo vidro, Zaida teve um vislumbre de si mesma. Por trás do seu rosto manchado de fuligem, ela teve uma visão de uma figura cujos membros lembravam ramos de árvore, e o rosto era emoldurado por uma barba de velho. A boca, parecida com um buraco no tronco, formou a palavra “obrigado”. A visão desapareceu tão rápido como surgiu, e depois, Zaida ficou a perguntar-se se o cheiro do fumo e o calor a tinham feito delirar.

“Mais um balde!” pediu. Depois de lançar a última dose de água, ela ergueu o polegar e acenou para Eevi.

“Pronto! Parece que não vêm mais coisas incandescentes a voar sobre nós. Vamos descer e juntar-nos aos outros” disse, antes de ser interrompida por uma violenta crise de tosse. A tensão começou a diminuir; os joelhos doíam, e o esforço de segurar-se na escada tinha drenado as suas forças.

Os sons dos veículos de emergência que se afastavam ainda ecoavam na noite. As máquinas pesadas começaram a ligar os seus motores, e o ruído das rodas contra os paralelepípedos soava como uma chuva de granizo a castigar o chão. Os sons e as luzes intermitentes tinham transformado a atmosfera tranquila e estática da cidade velha num cenário de pesadelo, parecido com um campo de batalha. Os tons de cinza, nas diferentes intensidades de fumo, obscureciam o céu. Flocos pretos, semelhantes a flocos de neve cobertos de fuligem, saíam da igreja e flutuavam como nuvens na direção do rio. O cheiro do fumo impregnava as roupas e, com toda a certeza, demoraria muito a sair das estruturas das casas.

Os vizinhos, reunidos no beco, começaram a dispersar e a deixar a rua. As vozes diminuíram, e as luzes apagaram-se gradualmente.

Os moradores do condomínio da Rua da Colina da Ponte 1 agruparam-se em frente da sua casa. Zaida e Eevi também se juntaram ao grupo, após uma última volta ao redor do prédio para verificar que não havia nenhum sinal de fumo das estruturas e que não havia nenhum foco de incêndio escondido no quintal.

“Acho que passámos apenas por um susto” suspirou Pietu.

Iida, aninhada nos braços do pai, ficou alerta de repente.

“Oh, não! O Elmeli! Com celteza se assustou. Vamos ploculá-lo!” disse ela e tentou soltar-se dos braços de Pietu.

Pietu e Maria conseguiram acalmá-la, dizendo que a cobra sabia encontrar um esconderijo sozinha e que mais tarde ou mais cedo apareceria novamente.

“As molduras das janelas do meu quarto arderam completamente. Vou ter de substituí-las” lamentou Zaida. “Mas é só um dano superficial. Felizmente, escapamos de algo muito pior.”

“Os bombeiros prometeram voltar para verificar se não há mais nada a fumer por aqui” sussurrou Pietu muito baixo, para que Iida não ouvisse.

Eevi e a família Kuusinen já haviam entrado em casa. Nos degraus da escada, Iida parou, intrigada, ao notar a saliência no corrimão que tinha encontrado naquela manhã.

“Olhe, que coisa tão fascinante! vovó Alma, veja! Vai nascer um rramo aqui!” exclamou a menina, a saltitar de entusiasmo enquanto seguia o caminho. Alma estava prestes a gritar-lhe algo sobre o erre, mas resolveu aguentar até ao dia seguinte.

O relógio já se aproximava das seis horas. Dois bombeiros percorreram a vizinhança, incluindo a Rua da Colina da Ponte. Um deles chegou a subir ao telhado, mas não encontrou nada que indicasse perigo.

O topo da colina onde ficava a igreja estava em silêncio. No ar, ainda pairava um fumo que irritava os olhos e deixava um gosto amargo na boca. Porém, o canto despreocupado duma laverca que retornara ao quintal soava contraditório com o terror vivido na madrugada.

Alma e Zaida estavam sentadas num banco, apoiadas na parede da casa, num silêncio cúmplice. Alma saboreava a pulsação suave do ar e o calor vindo da parede atrás de si. A tensão da noite dera lugar à serenidade duma manhã que começava a clarear. A casa parecia respirar em harmonia com elas, reconciliada com o ambiente ao seu redor: sem preocupações, sem pressa, sem rancores ou mágoas dos atos do passado.

Alma envolveu os ombros de Zaida com um abraço, e a rapariga não se afastou.

“A floresta primária lembra os crimes do passado, mas também sabe perdoar. Acreditas, Zaida, que o que foi feito está perdoado? As sombras saíram da tua casa. Consegues senti-lo, não consegues?”

Zaida assentiu com a cabeça e enxugou os olhos com o dorso da mão. Foi então que detetou um movimento próximo da cerca do quintal. Elmeri, que se tinha escondido no seu buraco, rastejava agora por baixo do portão em direção ao velho carvalho. Pela manhã, elas levariam uma oferenda às raízes da árvore para garantir a sorte da velha casa.

NADJA SOKURA

A MENINA SAIU DAS RAÍZES
DA ÁRVORE

A menina saiu das raízes da árvore, debaixo da terra.

JANEIRO

Bato os sapatos encharcados de neve molhada no tapete do átrio da escola e procuro o meu telemóvel no bolso.

“Vens?”, digito rapidamente.

“Já vou”, aparece no ecrã.

Fico à espera ao lado da porta e começo a ler a ementa afixada no quadro de avisos. No mesmo instante, a Ada chega, pouco antes de o sinal tocar. Seguimos com a multidão até à porta da sala de Artes. Todos parecem cansados, até os professores, como sempre depois das férias. Mesmo assim, pode-se sentir uma certa energia no ar. Ou talvez esteja só na minha cabeça. De qualquer forma, os últimos seis meses do 3º ciclo do ensino básico acabam de começar. Decido que este semestre será um período especial na minha vida.

“O que vamos fazer?”, grita alguém, antes mesmo de a professora de artes conseguir abrir a porta.

“Bem, pensei que primeiro poderíamos conversar um pouco sobre as vossas férias.”

“Oh, não, estamos sem vontade...”, alguém resmunga.

“Ah, então, é mãos à obra!”, exclama a professora, no mesmo instante em que consegue abrir a porta.

“Não, não, vamos conversar, afinal!”, ecoa um coro polifônico.

“Bom, então vamos conversar enquanto vocês trabalham, como costumamos fazer. Vá, peguem nos materiais!”

A pasta da Ada está no topo da pilha, e eu entrego-lha antes de pegar na minha. Tiro de dentro da minha pasta um esboço que fiz antes do Natal. Demoro um momento para me lembrar o que era para ser. A minha ideia era criar uma pequena escultura, um animal fantástico, e o desenho no papel era o seu rascunho. A professora tentou fazer perguntas sobre o que era ou que tipo de criatura representava, mas eu não soube responder. Para mim, só parecia fixe. Agora que olho para o desenho, três semanas depois, percebo que provavelmente o copiei dalgum lugar. Não sei o que é, já que não fui eu quem o inventou. Nenhuma originalidade, percebo. Embora a professora nunca tivesse dito isso. Ela nunca o diria, porque tenta sempre ser encorajadora.

Mas também não se pode dizer que a Ada seja especialmente criativa. Árvores, árvores e mais árvores. Nada mais sai das mãos dela.

A Ada tem nove anos e desenha árvores. Às vezes outras coisas também, mas na maioria das vezes, árvores. A professora pergunta o que representam essas coisas. A Ada não tem a certeza do que a professora quer saber. Os adultos têm uma mania estranha de perguntar coisas óbvias. A Ada responde que ali estão todas as árvores do mundo. “Sim, mas essa coisa entre as árvores?”, a professora continua a questionar. É a conversa das árvores, é claro. Felizmente, a professora não tem mais perguntas. A Ada continua a desenhar.

Agora, no papel da Ada, há uma árvore cercada por algo esquisito. Parece uma aura. Aquele disparate de *new age* e *chakras* — ou pelo menos é o que parece.

FEVEREIRO

A menina saiu das raízes da árvore, caminhou pela floresta até à cidade e foi encontrada atrás da porta dum homem e duma mulher. E, embora fossem necessários muitos encontros com muitas pessoas, inúmeros médicos e autoridades, pilhas de papéis a serem preenchidos antes que a menina pudesse ficar a viver com eles, o homem e a mulher souberam desde o primeiro momento que ela era a sua própria filha. E aquela menina é a Ada. No entanto, não se descobriu muito sobre ela. O rasto terminava na floresta, nas raízes duma árvore. Escavaram em volta da árvore, mas não encontraram nada. Nenhum registo de uma criança desaparecida. Ela simplesmente surgira do nada. Uma menina cujos olhos não suportavam a luz. Que permanecia magra como um fio, comesse o que comesse. Que falava uma língua estranha, até aprender o finlandês e esquecer o seu idioma materno. Uma menina que se sentia à vontade em qualquer floresta.

“Aqui ‘tá a autorização”, diz o maior esquecido da turma e tenta empurrar o papel ao diretor de turma.

“Ótimo, mas os assuntos para o diretor de turma são resolvidos no intervalo, a aula de biologia já começou há vários minutos”, responde o professor, e enxota o aluno de volta para o lugar. “E agora, vamos mudar de tema. Abram o livro na página cinquenta e quatro!”

Eu folheio o livro enquanto alguns alunos ainda procuram nas suas mochilas.

“A floresta como ecossistema!”, exclama o mais rápido a encontrar a página.

“Muito bem, é isso mesmo!”, diz o professor animado.

“Que merda é esta?” ouve-se de repente do fundo da sala.

“Então, Ada, tens alguma dúvida?”, o professor pergunta com uma cortesia exagerada.

“Sim, tenho. Aqui no livro eles chamam o desmatamento raso de medida de gestão florestal”, a Ada dispara.

“Acho maravilhoso que tenhas interesse no assunto, mas vamos seguir os capítulos por ordem. Acho que aquilo de desmatamento vem no seguinte.”

Dramaticamente, a Ada vira as páginas até o trecho certo e fica calada. Vejo que está a ferver de raiva.

Espero a Ada no átrio da escola. Mando uma mensagem, depois outra, mas não recebo resposta. Olho para fora através da parede de vidro, mas o sol ofusca-me, e por um momento não consigo ver nada. Já dá quase para imaginar que a primavera está a chegar.

Quando a Ada finalmente aparece, pergunto porque não respondeu à minhas mensagens.

“O meu telemóvel avariou-se”, responde despreocupadamente, como se fosse uma coisa de pouca importância.

“Oh não, quando vais conseguir um novo?”, pergunto, preocupada.

“Pensei em não comprar outro. Tens ideia de quantos recursos naturais são usados para fabricar um telemóvel?”

Na verdade, não faço ideia, mas, felizmente, o toque de entrada livra-me de ter de responder.

Da parte da tarde, temos educação física. Não é a matéria favorita nem da Ada nem minha. Porém, ela sair-se-ia muito bem, se quisesse. Os membros dela, fininhos, são surpreendentemente fortes, e ela nunca parece perder o fôlego, por mais que corra, por mais rápida que seja. Os reflexos dela são anormalmente bons, e nunca deixa passar um único golo. Mas a Ada não quer sair-se bem em educação física. Ela não poderia importar-se menos.

O professor de educação física talvez tenha algo a ver com isso.

“Não podes tirar esses óculos de sol aqui dentro da escola, de uma vez por todas?”, pergunta o professor em voz alta, para que todos ouçam.

“Acontece que não posso», responde a Ada, claramente a tentar controlar-se.

“A menina tem uma visão noturna excepcionalmente boa”, o médico explica aos pais da Ada, e continua: “Mas os olhos dela são extremamente sensíveis à luz.” Como se a Ada pertencesse a uma espécie que não vive à luz do dia. É claro que o médico não diz isso, mas a Ada pensa assim muitas vezes, depois. “Ela precisa de usar óculos de sol, sempre, em todos os momentos”, orienta o médico. “A luz do dia danifica os seus olhos.” A Ada não quer. Ninguém mais precisa usá-los. Mas os olhos dela doem horripelmente sem os óculos, por isso, submete-se ao inevitável.

Todos sabem que a Ada não pode estar sem óculos, mas o professor de educação física recusa-se a acreditar. Há quase três anos que ele repete a mesma pergunta.

“Com certeza sabes o que se esconde geralmente por trás de óculos assim, não sabes? E, para além disso, pareces definhada.”

A Ada normalmente não expõe os braços, nem qualquer outra parte do corpo. As roupas dela são sempre largas e cobrem tudo. A única exceção é a aula de educação física. Agora, ela está com os braços cruzados e tenta cobrir um com o outro. Nunca a vi parecer tão insegura. Mas mesmo assim, controla-se. Mantém a voz firme pelo tempo necessário.

“Está a insinuar, seu palerma, que eu me entupo de drogas desde que nasci?” a Ada diz devagar, com ponderação, e caminha com calma até ao vestiário.

Um grupo de meninas solta gritos de apoio, enquanto algumas olham umas para as outras, boquiabertas, em espanto e alegria. Não demoraria muito para que todos soubessem o que acabara de acontecer na aula de educação física do 9º E.

O professor está indeciso, sem saber o que fazer. Lança um olhar severo ao grupo de raparigas que ainda está a regozijar-se, e de seguida olha para o vestiário, como se

hesitasse se deveria ir atrás da Ada. No fim, ele manda-me procurá-la.

No vestiário, a Ada já está a vestir o casaco.

“Podes dizer-lhe que eu fui para casa.”

“Tens a certeza de que é uma boa ideia?” pergunto com cautela.

“Tanto faz.”

“Que maravilha, uma semana de folga”, digo para a Ada enquanto saímos da escola, a saltar sobre uma poça de água. Quase não nevou durante todo o inverno e agora a pouca neve que caiu derreteu, desfez-se em água.

A Ada não me pergunta nada sobre os meus planos para as férias, e sinto-me aliviada. Já há meses que espero ansiosamente pela minha viagem à Grécia, mas nunca o mencionei, porque sei o que ela pensa sobre voar. Ainda assim, fico um pouco magoada por a Ada não sugerir que façamos algo juntas. Na esquina, despedimo-nos e fico a observar enquanto ela caminha para casa, sem olhar para trás. Talvez eu devesse ter perguntado o que ela pretende fazer durante as férias.

Estas férias costumavam ser chamadas de “férias de esqui”, mas agora são apenas “férias de inverno”. Porque ninguém mais esquia, e nem se poderia, já que o chão está descoberto. Mas a Ada não se interessa por esquiar. Ela lamenta é a terra sem neve, que não protege as raízes.

A floresta está silenciosa. À primeira vista, parece morta, mas a Ada sente a respiração das árvores. Pesada e sonolenta, mas pronta para despertar a qualquer momento. A Ada teme que o calor as acorde, cedo demais. O sono é a proteção das árvores contra o inverno, e o inverno ainda não acabou.

MARÇO

Depois das férias, recebemos um convite da Netta. Uma noite só para meninas. Nada de festa, mas vai haver um pouco de vinho também, oiço no meio dos cochichos, acompanhados de risinhos. A minha primeira reação é pensar que é uma armadilha, uma grande humilhação planeada especialmente para nós. Não sei porque penso assim, nunca fomos realmente vítimas de *bullying*. A Ada sempre foi considerada esquisita, mas de alguma forma respeitada ao mesmo tempo. Eu, cá por mim, sou praticamente invisível. Sou apenas “a amiga da esquisita”, essa é a minha identidade.

“Claro que vamos”, responde a Ada por ambas, enquanto eu ainda luto com as minhas suspeitas.

A Netta sempre foi simpática comigo e, no início do oitavo ano, veio sentar-se ao meu lado por vontade própria quando começámos juntas na mesma turma opcional de artes. Desde então, compartilhamos uma ponta da mesa longa: Netta, Ada e eu. A Ada aceita o convite sem hesitar, enquanto continua a pintar uma das suas árvores com aguarelas. A professora aproxima-se, elogia entusiasmada a técnica da Ada, lança um olhar rápido para o meu trabalho e, sem achar nada de bom para dizer, apenas sorri de maneira encorajadora.

Então, talvez seja possível que a Netta realmente queira conhecer-nos melhor. E há uma explicação simples para termos sido convidadas só agora e não antes: que eu saiba, a Netta nunca organizou uma noite só para meninas. Se tivesse organizado, eu provavelmente saberia. Aliás, ela está tão animada com isso que é impossível não perceber que algo fora do comum está a acontecer. Os dias seguintes são cheios de cochichos e piscadelas “discretas”.

Quando finalmente estamos a caminho da casa da Netta, na sexta-feira à noite, permito-me sentir-me feliz. Passei os últimos dois dias à espera de o convite ser cancelado.

a ver com o desaparecimento do professor. Mas como era possível? Não sei nem de onde tirei esta ideia. A minha imaginação deve estar a voar longe demais, e o professor provavelmente só apanhou uma gripe. Contudo, passa uma semana, depois outra, e o substituto, que esteve connosco todo este tempo, anuncia que ficará até ao final do semestre.

Os boatos começam a circular desenfreadamente. Dizem que o professor de educação física foi internado num hospital psiquiátrico; que andava de bicicleta bêbedo e foi atropelado por um carro e ficou paraplégico; que se suicidou no quintal da sua casa; que fugiu do país com uma identidade falsa. Pelo menos o problema com o álcool é tido como certo, o de drogas, talvez. Quando todas as possibilidades, reais ou absurdas, já foram debatidas, o assunto é enterrado.

Nenhum aluno sente falta do professor, e para alguns, o seu desaparecimento repentino chega a ser um alívio. Especialmente para a Ada, não consigo evitar pensar nisso. Mas a Ada não diz nada sobre o assunto, e eu não sei o que se passa na sua cabeça. A cada dia, a Ada parece distanciar-se mais.

A certa altura, a Ada percebe que os outros não ouvem as árvores. É claro que não. Ninguém derrubaria árvores se pudesse ouvir a sua fúria e os seus gritos. Quando um açai-do-amazonas é cortado no Brasil, a floresta de abetos finlandesa sente-o. E a Ada sente-o também. As árvores não se vingam, porque sabem que o ser humano pode destruir-se a si mesmo, mas não a elas. Quando o ser humano desaparecer, a floresta voltará a dominar. Mas a Ada não tem a mesma paciência.

ABRIL

Na aula de artes, noto que me aproximei um pouco mais da Netta, e me tornei mais distante da Ada. Para a professora, a diferença passa despercebida, mas os alunos do nono ano, sempre à procura de boatos, provavelmente vão notar. Estamos a planear o fim de semana. A Ada não vem, ela tem outros planos. É tudo o que consigo arrancar dela. Mais nada. A árvore da Ada tem agora raízes grossas e galhos longos e negros que não cabem no papel. A professora franze a testa ao olhar para o trabalho dela.

“Caramba, que sombrio”, avalia a professora. “Mas muito impactante, devo admitir.”

“São assim agora”, a Ada responde e continua a desenhar. Sem sorrir.

“Referes-te às árvores?” pergunta a professora, e afasta-se desconcertada ao receber da Ada apenas um tipo de resmungo como resposta.

Noite tardia, sexta-feira, a praça está lotada. Já se sente algum calor. Está lá também o rapaz da outra turma, aquele com quem vi a Ada da última vez. Há quanto tempo foi? Calculo que quatro semanas. É muito tempo, o suficiente para que uma amizade se torne irreconhecível. O rapaz repara em mim e vem na minha direção. Por que diabos?

“Tu és amiga da Ada, não és?” ele vai direto ao ponto. Ada. Claro que é a Ada. Quem mais seria? O olhar do rapaz está desfocado, e a fala sai um pouco arrastada.

“Pois... acho que sim.” Mas, na verdade, gostava de ter respondido que não.

“É uma rapariga assustadora como o raio.”

“Como assim?” Sinto vontade de defender a Ada, mas a curiosidade vence. Quero saber o que ela fez. O rapaz parece hesitar.

“Simplesmente louca como o raio, assustadora como o raio,” ele apenas repete as palavras e vai-se embora.

Conto o episódio à Netta e tento esquecer o assunto. Não consigo.

A Ada agarra a mão do rapaz, e puxa-o consigo para a floresta próxima. Ela já bebeu quase toda a garrafa que trouxe para a casa da Netta. Maldito metabolismo, que dissolve tudo tão rápido que nada se acumula no corpo dela. Nem sonhes com curvas femininas. O corpo dela é um tronco firme e rígido, os membros são galhos finos, como se ela própria fosse uma árvore. Porém, uma garrafa de álcool faz a sua cabeça parecer leve, deixa-a destemida, e ela pretende aproveitar ao máximo.

O rapaz ri quando a Ada o empurra contra o tronco duma árvore. A Ada cala-o com um beijo. Ele entra no jogo imediatamente. A Ada desaperta-lhe o cinto. Não tem certeza para onde isso a vai levar, mas precisa de saber. Sente as mãos do rapaz a abrir os seus jeans, a puxá-los para baixo, e logo se encontra deitada debaixo dele. O rapaz penetra-a. Na verdade, isso é tudo o que a Ada realmente queria saber. Se era possível. Se ela era... compatível. Não encontra uma palavra melhor para o descrever.

Tudo acontece de uma forma estranhamente fácil, nada daquele constrangimento sem jeito que na escola sempre disseram que seria a primeira vez. Mas especialmente prazeroso também não era. É como se estivesse a observar-se de fora, a si mesma e ao rapaz que trabalha ofegante em cima do seu corpo. A Ada estende a mão, toca a casca da árvore mais próxima e tem a sensação de que a superfície da árvore cede, como se as moléculas da casca e da palma da sua mão se misturassem. Então, ocorre uma verdadeira união. As sementes do rapaz espalham-se para nutrir a floresta, ao mesmo tempo que ele solta um grito, mais propriamente um guincho de dor, com a sua voz aguda de adolescente. Ele olha para a Ada com os olhos arregalados e sai disparado. Ela passa a noite junto à raiz da árvore e só se desprende quando os primeiros raios da manhã a obrigam a procurar os seus óculos no chão.

Na segunda-feira, na escola, a Netta questiona a Ada sobre o que ela fez com o rapaz da outra turma. Tenho vontade de dar um pontapé à Netta quando ela conta à Ada tudo o que o rapaz me disse. Talvez eu não lhe devesse ter contado nada.

“Então, pergunta-lhe.” É a única coisa que ela consente dizer.

Fico um momento sozinha com a Ada quando a Netta vai para a aula. Queria pedir-lhe desculpas.

“A culpa é toda tua, por seres assim”, digo. Não é exatamente um pedido de desculpas.

“Então? Diz alguma coisa”, imploro, enquanto a Ada apenas me encara com desprezo.

“O que mais se pode esperar das pessoas?”, replica ela vitoriosamente e deixa-me sozinha. Das pessoas, ela disse, como se não fosse uma. Arrasto-me atrás dela até à sala de biologia.

No fim da aula, o diretor de turma pede à Ada que fique na sala. Não sei do que se trata, mas provavelmente do mesmo de sempre. A Ada emagreceu ainda mais e está ainda mais pálida. Com certas iluminações, a pele dela parece quase esverdeada. Então, mais um interrogatório. É assim que a Ada vê a situação. Ou via. Como é que eu posso saber o que ela está a pensar agora, se ela não me diz nada? Por hábito, fico à espera do lado de fora da sala, até me dar conta de que talvez a Ada não queira que eu espere. Hesito por um instante, mas depois vou-me embora. No pátio, a Netta dá-me um abraço, e começa a apresentar os planos para o feriado de 1.º de Maio que se aproxima. O entusiasmo efusivo dela contagia-me e eu esqueço-me da Ada.

O sangue infiltra-se na terra, oferece o seu presente às raízes das árvores amputadas. Nutrição para o que foi dilacerado, oferenda do destruidor para o destruído.

Mais coisas acontecem. Não há mais necessidade de especular sobre a origem das rachaduras quando a primeira raiz atravessa o chão. Árvores. Árvores por toda a parte. As árvores destroem a escola, o professor de educação física desaparece e mata-se no meio das árvores derrubadas e logo, é claro, a Ada. A Ada e as árvores da Ada. Uma Ada que está mais esquisita do que nunca. E os meus pensamentos ridículos sobre o facto de a Ada ter algo a ver com a morte do professor... Mas são realmente ridículos os meus pensamentos? Como é que ela sabe com tanta precisão onde encontraram o corpo do professor? Não conto nada a ninguém, para não parecer maluca, mas estou certa de que a Ada é culpada, tanto pelo suicídio do professor como pelo facto de as árvores estarem a invadir a escola.

O prédio, que o reitor declarou seguro, logo está em tais condições que precisa ser evacuado. O chão está em pedaços, cheio de fendas por onde brotam as raízes como protuberâncias enormes. De certa maneira, há até algo de belo nisso. No facto de o prédio inteiro estar a desmoronar justamente quando estamos a deixá-lo para trás. As últimas semanas do ensino básico finalmente chegaram. Em cima de tudo isto paira um sentimento de irrealidade. As aulas são realizadas ao ar livre, e, só em poucas delas a turma está completa, visto que muitos de nós estão ocupados a organizar atividades para os últimos dias ou a treinar para o jogo de basebol contra os professores.

A Ada caminha até à escola. Ao longo do caminho, as bétulas explodiram outra vez em folhas. Todos os anos, parece acontecer num instante. Durante todo o inverno, elas escondem os rebentos nos seus refúgios e, depois, com a chegada da primavera, surge o primeiro toque tímido de verde, e, num piscar de olhos, já revelaram toda a sua magnífica exuberância. E tudo acontece tão rápido como acaba. Igual a tudo mais.

Nove festas da primavera durante o ensino básico e, antes disso, a creche e o ensino pré-escolar. No total, provavelmente doze celebrações. Cerca de treze anos desde que a Ada caminhou até à porta das pessoas que chama de pais. Treze anos durante os quais se apegou a algumas pessoas e cresceu junto delas. Compartilhou momentos. Sentou-se ao lado delas nas festas de primavera, esperou ansiosa por um verão de aventuras e riu baixinho enquanto, atrás dela, um professor cantava o hino de verão com lágrimas nos olhos. E agora, dentro em breve, pela última vez.

Estamos debaixo da marquise, ao abrigo da chuva, a Netta, a Ada e eu. A Ada ainda passa os intervalos comigo, como por hábito, e eu deixo-a ficar, embora tudo fosse mais fácil se eu não precisasse vê-la. Ela age como se nem percebesse a nossa presença ou qualquer outra coisa à sua volta. De vez em quando parece voltar a si, olha ao redor como se, de repente, tivesse reparado que está num lugar estranho, num lugar errado. Depois, a sua expressão fecha-se com uma máscara de indiferença.

A Netta está imersa no telemóvel, eu observo as pessoas. O nosso diretor de turma e a professora de artes estão diante de nós, de costas. É fácil para eles supervisionar o intervalo quando todo o rebanho está debaixo da marquise. Eles estão a conversar, e eu aguço os sentidos. Escutando os professores, aprende-se todo o tipo de coisas interessantes.

“Mas ele realmente foi horrível com os alunos”, diz a professora de artes.

“Imagino que estivesse a passar por muitas dificuldades na sua vida”, responde o diretor de turma. Tentam falar baixinho, mas ainda assim consigo ouvi-los.

“Sem dúvida, mas isso não justifica tudo.”

Estão a falar sobre o professor de educação física, tenho a certeza disso. Um peso desagradável instala-se sobre o meu peito e dificulta a respiração. Pelos vistos, o comportamento do professor era algo que todos conheciam, mas ninguém quis

MIA MYLLYMÄKI
A MADEIRA MÁGICA DE KNUT

Knut organizava o seu balcão de vendas. Tinha a sua própria rotina. Os objetos de choupo iam para o lado esquerdo, os de bétula para o direito. Os pingentes eram pendurados no suporte de joias em forma de árvore, enquanto os discos rústicos de abeto serrado eram empilhados atrás doutros objetos. Os suportes de etiquetas de preço ficavam por cima. Knut olhou em redor, pelo mercado, e reparou que, a uma curta distância da sua mesa, já se reunira um punhado de possíveis clientes, que o observavam esperançosos.

Quando terminou de arrumar a sua mesa, acenou com a mão para o grupo. “Sejam bem-vindos! Aqui há madeira mágica do Knut, diretamente da Ostrobótnia Central! Produto autêntico, a preços acessíveis!”

As pessoas aproximaram-se dele e formaram uma fila um tanto desorganizada. O rosto do vendedor de batatas do balcão vizinho encheu-se de milhares de rugas de descontentamento. Knut já o comprovava muitas vezes antes. Os clientes gastavam o seu dinheiro na madeira mágica, enquanto os outros vendedores do mercado ficavam desapontados dia após dia.

O primeiro cliente comprou, com determinação, dois discos de choupo atingido por um raio para queimar na sauna do quintal. Knut aceitou o pagamento em dinheiro.

“E agora, ao balcão vizinho, a comprar as batatas para a sopa de salmão! São as melhores, diretamente do produtor local.”

Nem sempre funcionava, mas, surpreendentemente, muitas vezes os clientes seguiam a direção indicada por ele e compravam vegetais do vendedor local ou qualquer outro produto disponível. Desta forma, Knut, por seu lado, compensava, ao menos um pouco, a grande mentira que lhe rendia o dinheiro.

“Tenho uma dor no ciático. O que recomenda?” perguntou um senhor idoso. Curvado para a frente, ele apoiava-se na sua bengala e espreitava as madeiras de Knut através dos seus óculos grossos. Knut assumiu, por um instante, a expressão pensativa que ensaiara diante do espelho e apontou para os discos redondos.

“Aqui há um pedaço de zimbros que flutuou até à margem” disse e estendeu o pedaço de madeira para que o homem lhe tocasse. “Pelos anéis de crescimento pode ver-se que não é dos mais jovens. Alivia rapidamente os incómodos, mas se o senhor quiser um efeito mais duradouro, recomendo um pingente.”

Knut apontou para um pingente pendurado no suporte de joias que ele mesmo torneou do zimbros. O cliente interessou-se, apesar de o preço ser três vezes maior do que o de um disco rústico serrado.

“E como é que funciona?”

“O pingente deve ser usado dia e noite por duas a três semanas e, depois, deve ser colocado na lareira ou no fogão da sauna. Depois é só respirar calmamente enquanto queima, para obter o melhor efeito. Mas é importante ressaltar, é claro, que o resultado varia de pessoa para pessoa. Alguns sentem alívio imediato, outros precisam de mais sessões de tratamento.”

O homem não hesitou mais, mas procurou a carteira no bolso e comprou dois discos e um pingente.

“Aceita cartão?” perguntou uma jovem. Knut observou os lábios dela, pintados de vermelho, e a pele impecável. Não era o tipo de cliente habitual. Jovem demais.

“Claro que aceito” respondeu. “Para que finalidade?”

“Bem... Não é para mim, mas sim para o meu pai. Tem uma infecção urinária grave.”

“Oh não, coitado! Então, para isso, tem de ser madeira atingida por um raio, sem dúvida” disse Knut, a fingir selecionar um pedaço especial da pilha.

“Aqui está um pinheiro de primeira qualidade.”

“Será que se pode negociar o preço?” perguntou a jovem, a olhar duas vezes para a etiqueta.

“Bom, vou-lhe dar um desconto de vinte euros porque se preocupa com o seu velho pai” prometeu. Ele ativou o leitor de cartões, e a jovem pagou. “Obrigado, volte sempre! Tenha um bom dia!”

Isto continuou até às três da tarde. O vendedor de batatas já desistira algumas horas antes, mas Knut não podia parar enquanto ainda houvesse clientes e mercadoria para vender.

Ele esvaziava sempre o seu balcão em Kokkola. Mesmo quando o mercado parecia uma cidade fantasma, nunca faltavam compradores para a madeira mágica.

Mikko ligou assim que Knut terminou de carregar a carrinha e estava pronto para partir.

“Meu Deus, como este povo da cidade é maluco” suspirou Knut espantado, e fechou a porta do veículo. “Ainda não contei o dinheiro, mas vendi pelo menos cinco mil euros.”

“Pai, pareces muito cansado. Vens para casa agora?”

“Vou, mas amanhã preciso de procurar mais madeira. Desta maneira, ficamos sem *stock*.”

“Então conduz com cuidado. Já deixei o pedido do Japão pronto, a recolha será ainda hoje.”

Knut deixou a cidade de Kokkola para trás e conduziu devagar na direção de Kannus. A voz preocupada de Mikko ficou a ecoar na sua mente. *Pai, pareces muito cansado.*

Knut estava cansado. Ele estava cansado há três anos e vinte e quatro dias. Durante este tempo, encolhera dez centímetros, envelhecera vinte anos e perdera a fé em todos os

deuses e em todas as pessoas, até em si mesmo. Principalmente em si mesmo.

Não podia deixar que Mikko vendesse os produtos porque o rapaz não conseguia mentir. Acreditava ainda menos que Knut no poder curativo das árvores que flutuavam até à margem ou que eram atingidas por um raio. Dava risadas ao ler artigos de jornal ou ao ver programas de debate na TV onde cidadãos comuns tinham a possibilidade de relatar as suas curas milagrosas. “Que merda! Uma merda completa!”

Knut tentava acalmá-lo. “Deixa as pessoas acreditarem. Algumas sentem-se realmente melhor. É preciso acreditar que funcione.” Todas as vezes, ele repetia a mesma ladainha para o seu filho. Mas deixava sempre de mencionar que Amanda nunca acreditou.

“Pai, não tens vergonha de enganar as pessoas e vender-lhes essa maldita madeira mágica, como se pudesse curá-las?”

Knut guardava aquelas palavras na memória, sempre à disposição para serem lembradas. Mikko tinha dezoito anos, acabava de receber a licença de condução, e a sua festa de conclusão do ensino secundário seria dali a duas semanas. Amanda não tinha forças para chegar até lá.

“Madeira mágica? Foda-se! Inventa pelo menos um nome melhor para a empresa. A Madeira Mágica do Knut limi-ta-da!” Mikko despejou todo o seu rancor, cuspiu as palavras sobre a mesa da cozinha no meio do café da noite, poucos dias depois do funeral, quando não havia mais escolha senão seguir em frente.

Knut escutara a explosão do Mikko com humildade. Mais tarde, conversaram de homem para homem, e depois disso, nunca houve segredos entre eles. Knut tinha perdido o amor da sua vida, isso sim, mas jamais poderia perder Mikko. O filho, não.

“Foi a ideia da tua mãe” dissera Knut. Contou a Mikko como Amanda tinha voltado duma reunião da Tupperware em completo êxtase e lhe tinha apresentado a sua ideia.

“Madeira terapêutica, Knut! Vai vender como pão quente. Criamos um bom conceito, copiamos um pouco dos outros. Temos floresta logo ali, não temos? Podemos começar com isso.”

No início, Knut achou a ideia de Amanda ridícula, mas, na manhã seguinte, ligou o computador. Depois de lutar um tempo com as atualizações do Windows e com todos os tipos de mecanismos de busca, achou as marcas que Amanda mencionara, “que flutuavam no ar à espera de serem apanhadas”. Curandeiros populares compravam madeira especial, fóruns de discussão reinterpretavam antigas crenças e contos populares, e histórias de curas milagrosas circulavam. Naquela época, tudo ainda era em pequena escala, mas Knut começou a acreditar em Amanda.

A ideia da Amanda baseava-se na credulidade e na esperança das pessoas que estavam em situações difíceis. *Quando os recursos da medicina convencional se esgotam, o mundo espiritual entra em cena. As pessoas acreditam ora em anjos, ora em unicórnios. Porque não na madeira finlandesa?* Knut nem sempre acompanhava a linha de raciocínio de Amanda em todos os aspetos. Para ele, as árvores eram apenas árvores. Elas passavam por eventos naturais que as levavam a flutuar até à margem dos rios, mares ou lagos. Havia quem acreditasse que árvores caídas sobre valetas ou estradas possuíam uma energia diferente daquelas que eram despedaçadas, queimadas ou rachadas por um raio. Knut não conseguia ligar a madeira terapêutica ao mundo espiritual. No entanto, ele acreditava que tinha o mesmo efeito que qualquer outro medicamento placebo ou tratamento ilusório para aqueles que realmente acreditavam no seu poder de cura.

Eles planeavam o conceito enquanto faziam sauna, cozinhavam e limpavam.

“Nem pensar em blocos de tronco!” Amanda riu quando Knut perguntou como seria a madeira entregue aos clientes. “Nada de mau gosto ou muito grosseiro.”

Ao mesmo tempo, um arrepio percorreu a sua espinha ao lembrar-se de como o cão polícia parecia muito confuso ao farejar o quintal. Como se o veículo se tivesse destruído sozinho e a madeira tivesse desaparecido por conta própria.

O café ficou forte demais, arranhava no palato. O jornal estava húmido e cheirava a tinta de impressão. Knut abriu-o sobre a mesa e deu uma dentada no pão de centeio. Na capa, a estrela de pop Riku Roi anunciava as maravilhas da madeira mágica: “Esta madeira milagrosa salvou-me”. Ele fazia tratamentos com a madeira terapêutica desde 2016, depois de ser diagnosticado com cancro na próstata, e agora, após uma investigação médica detalhada, estava curado, em três anos de tratamento. Riku Roi era apenas um dos vários artistas finlandeses que juravam pelo poder da madeira mágica. No fim do artigo, havia também testemunhos de cidadãos comuns.

“Irma, 67, sofre de fibromialgia há mais de 20 anos, e o uso regular da madeira mágica não teve impacto algum sobre a sua condição. Jonne, 43, acredita que o comércio de madeira mágica abusa da credulidade das pessoas e serve apenas para arrancar-lhes dinheiro. Kaisa, 36, conta que, no início, a madeira mágica a ajudou. Ela sofria de dermatite atópica severa, que começou a melhorar depois do início do tratamento. Durante mais de um ano, conseguiu levar uma vida normal, até ser diagnosticada com cancro de pulmão. Kaisa está convencida de que a doença foi causada pela queima da madeira mágica”.

Os usuários da madeira terapêutica pareciam curar-se das suas doenças ou, pelo menos, encontrar um alívio para os sintomas. Mas será que a madeira terapêutica podia ser realmente prejudicial ou até mesmo causar cancro? Knut coçou a cabeça. Pelo que entendia, o cancro existia independentemente da madeira. Nalguns casos, parecia haver benefícios no seu uso, em outros não. O efeito placebo, por si só, não poderia curar as doenças mais graves. Talvez a queima dessa madeira pudesse, de facto, contribuir para o desenvolvimento de

cancro. Ele não sabia no que acreditar e acabou por encolher os ombros para os seus próprios pensamentos.

O diagnóstico de Amanda veio alguns meses depois de a política sueca Anne-Maj Lindgren ter contado publicamente que sofrera, durante toda a vida, de cólicas abdominais extremamente dolorosas e que só encontrara alívio para as suas dores com os curandeiros da aldeia de Kaustinen, conhecida pelas suas tradições folclóricas. Na sua história, a sauna terapêutica e a madeira mágica estavam em foco, o que impulsionou uma corrida aos balcões dos vendedores de madeira mágica.

Knut perguntava-se se a madeira mágica poderia ter contribuído para a doença de Amanda. Mas eles só começaram a usá-la quando já não havia mais nenhuma outra opção... Knut fizera tudo ao seu alcance para que Amanda se curasse. Ele estava prestes a fazer qualquer coisa. Seguiram as instruções dos curandeiros, pesquisaram mitos finlandeses, queimaram a madeira na sauna e na lareira. Para Amanda, a madeira mágica não trouxe benefício algum. O cancro progrediu rápida e inevitavelmente, e a Medicina dececionou-os. Primeiro, disseram-lhes que o cancro podia ser vencido, mas algumas semanas depois, a situação já parecia grave.

Amanda fez tudo o que era possível, queria viver. Ela mantinha a esperança, mas a esperança não bastou. Tinha-se agarrado a todas as últimas tábuas de salvação que encontrara, só para manter a hipótese de ver o filho com o seu traje académico. O desespero levava-a a queimar a madeira mágica de forma descontrolada. O mundo tinha-se transformado num lugar mais sombrio, pois nada parecia ajudar. Amanda resistiu por muito tempo, mas, no fim, também teve de ceder.

Será que a queima da madeira teria ajudado, se eles tivessem acreditado de verdade? Se eles próprios não tivessem pensado, basicamente, que tudo não passava duma grande burla? Era possível vencer o cancro dessa maneira...? Knut passou a mão nos olhos. Sempre que estas perguntas